

# COLUMBANO

## I

Desde muito novo; Columbano me apaixonou, enerva, encanta e desilude. E hoje, como outrora em mais verdes anos, ao entrar na penumbra das salas onde a sua obra se exhibe, passo ainda por esta gama de sentimentos, agora amortecida pela quási indiferença emotiva que em mim substituiu, para com a pintura, a antiga paixão. Intimismo de penumbras, onde flutua uma poalha-cinzeia e cintilam cobres; onde há lampejos de ouro, de metais, e morrem na sombra, sob as patinas, os tecidos e as madeiras; intimismo de mistério e trevas, onde afloram e se sepultam as naturezas mortas, com epidermes neutras de frutos, que irradiam luz, absorvida pela névoa das sombras. Negrumes onde surgem olhares e fisionomias indecisas, veladas de mistério, marteladas pela luz nas saliências e lavradas de complexos tons ferruginosos. E sôbre o fundo em trevas, pejado de sugestões, orquestram os tons amortecidos em patinas de ouro, de ferrugem, de cinzentos, sôbre os negros, sôbre os vermelhos, sôbre os verdes, numa insistência de harmonismo musical em delíquio, moribundo e exausto na procura daquilo que só o tempo consegue dar, êsse acabamento último das pinturas que apenas os anos sabem fazer...

...Mãos inquietas, onde fremem nervos e se revelam magras e esqueléticas estruturas ósseas, sob a epiderme macerada que as saliências distendem, mãos tristes e frias de penumbras, de onde a vida parece fugir e quási já são cadáveres, com ameaças de livores, com ameaças frias, geladas no horror que sôbre elas cresce, em aveludado silêncio, como uma sombra...

...Pintura de carícias, em largos tons

espalhados em superfície, tudo modelando à maneira da goiva que lasca as madeiras e faz jogar a luz nos caprichos das talhas; carícias de pincel que aveludam a matéria, fazem nela deslizar surdamente a luz que o neutro das patinas absorve, que os lampejos de metais reflectem; carícias de tons, de matéria aveludada por magias de técnica em segredos de bruxa, comprazida em volúpias na penugem dum pêssego, no flamejado cinzeo duma castanha, que jazem lá na penumbra inquieta como preciosidades de faiança rara...

...Naturezas mortas que, na atmosfera do mistério, se diriam preciosos cantos obscuros de museu requintado, onde dorme o mistério das velhas coisas sem preço, de coloridos sem par, feitos de matéria espiritualizada, mudas como espectros no seu arcaísmo fantástico, extático de solidão...

...E o ser humano, macerado, de carnação ferruginosa, ou emaciada ou até pálida e exsangue sob a epiderme de ferrugem, emerge da penumbra, desliza fugidio, revela-se por fragmentos, numa indecisão inquieta, onde há fulgurações de olhos negros, narinas que fremem e se diriam solitárias. Seres que têm alguma coisa dos animais nocturnos, sinistros e macabros, aflorando à luz no frémito dum terror, prontos a desaparecer como miragem, a dissolver-se nas trevas de ouro, carminadas ou azues...

...E tudo pende, flácido, como trapos moles onde a vida escorre; e tudo pinga, como cera, num afrouxamento derretido de alma, num langor semi-cadavérico de vontade dissolvida, num pasmo de matéria viva ameaçada de deliquescência...